

EUFRÁSIO

CHICO MULATO

José Liberato Costa Póvoa

Faculdade de Direito

Morava na Boa Esperança. Vaqueiro, e dos bons, Eufrásio desconhecia cavalo que o cuspiisse da sela. Vinha gente de longe trazer animal xucro pra ele botar na linha. De sorte que sempre estava bem montado, pois o costume rezava que o pagamento da amansa eram dois anos de serviço do animal, no que o domador achasse melhor empregá-lo.

Quando a fama do animal soía chamar gente para assuntar Eufrásio em cima do bicho brabo, ele se entusiasmava, diante do povo trepado na cerca do curral olhando a montaria pinotear no pátio da fazenda Boa Esperança.

— Gostei de ver, Ofraso! — incentivavam.

— Quebra a cisma desse maludo, Ofraso véio!

E por muitos anos Eufrásio, além das labutas de vaqueirice, amansava os animais das redondezas em troca de dois anos de amansa. E a tal ponto era conceituado nessa especialidade, que já se tornara o ponto de referência:

— Este burrinho meu já tá quase no ponto de ir on'tá Ofraso! — dizia um e outro.

Mas a vaidade de Eufrásio esbarrava no batente da porta do casebre, onde morava com seu irmão Macedônio. Este, casado, quatro filhos, mulher enjoada e uma roça cheia de mantimentos que o irmão adjutorava na limpa e na vigia.

Dentro de casa, Eufrásio, não abria a boca para falar de montaria, que a cunhada mastigava uns gungunados de desaprovação. Às vezes, queixava-se ao marido:

— Olha, Macedo, dá um jeito de Ofraso não brear a roupa com suor de animal, que ando cansada de esfregar fundo de calça chuja e encardida.

Macedônio ficava desacorçoado para falar uma insignificância daquelas com o irmão mais novo. Afinal, para o irmão, cavalo e burro, jegue e poldro, eram tudo. Dava a vida para andar em cima de um animal qualquer. De preferência, em pelo. Nem namorada procurava arranjar. Nascera pra viver escanchado. Maceda temia que, na conversa, usasse palavras mal medidas e ofendesse o mano. Era o único irmão. E, mais do que irmão, uma espécie de filho. Quando os vinte e poucos anos de Eufrásio pulavam agarrados à crina de um burro bravo ou esquipavam com altivez em cima de um cavalo medindo o pátio com os pés de argolas levantando poeira. Macedônio sentia-se orgulhoso; sentia-se orgulhoso quando alguém, trazendo um animal, escoteiro, chegava à sua porta:

— Maceda, o Ofraso taí?

— Tá não. Tá na roça. Só ele?

— Bom... é. Vim trazer este alazão mode ele mansá.

— De quem?

— De Zé da Vitória, lá do Guarani.

— Tá recebido. Ele amansa.

E sempre havia um animal para Eufrásio amansar. E sempre havia mancha de suor nas calças, pra mulher de Macedo ruminar implicâncias.

E o correr do tempo, e as proezas de Eufrásio não fizeram a cunhada esquecer as manchas de suor. Ela ficava azucrinando a paciência do marido, por causa do cunhado. Dizia que não iria mais lavar a roupa suja de suor. Macedônio, coitado, que tanta estima dedicava ao irmão, não achava uma saída. Não iria dizer o que a mulher ameaçara. De jeito maneira! O irmão não iria dizer nada e era capaz de sair com a trouxa debaixo

do braço pra lavar a roupa no brejo. Mas, e o povo? Era capaz de dizer que a mulher andava com ele pelo cabresto; que ele era um zé-mulher; que isto, que aquilo. E agora? Tentou rebater a mulher:

— Mas, o que é isto, mulher? Então ele é de ir lavar a roupa? Parece até que a gente anda entrevado, que não pode lavar a porqueira de uma roupa na fonte!

— Então vai você! — a mulher não era boa bisca.

— Eu?

— Eu é que não vou mais lavar suor de cavalo. Se ele quiser que arranje mulher pra lavar roupa, porque eu mesmo, não! Manda ele casar!

Ah, isto mesmo. Casar, Macedônio pensou um pouco e achou que a mulher até que enfim tinha tido uma idéia boa na vida. Afinal Eufrásio, com seus vinte e tantos anos, estava no ponto de se casar. A arte e a especialidade de Eufrásio trouxeram-lhe fama, prestígio. Nas festas, era quem bebia a pinga da cabeça da cana, reservada para gente muito especial; era quem figurava qualquer moça sem receio de levar taboca; era quem tinha força de mandar o tocador soletrar o baião que queria no fole da concertina. Moça não lhe faltava. Escolhia, até. Mas não trocava uma sela e um cabeção por moça nenhuma. Nem namorada tinha, para não comprometer suas amansas de animal. Mas Macedônio iria tentar. Caso Eufrásio resolvesse, estaria tudo solucionado sem despertar suspeitas.

— Eufrásio, você não vá pensar que eu estou me queixando de nada. Mas você está na idade de procurar uma namorada direita que no futuro lhe dê uma boa mulher. Sua idade é de casar.

— Deus que me livre e guarde. Maceda! Não vou dar certo com casamento, não! Eu nasci foi pra viver livre.

Foi uma cuia água fria na alma de Macedônio. O irmão não aprovava — ou por outra, parecia até detestar — a idéia de casamento. Mas não custava nada tentar de novo.

— Falou com ele? — a mulher resmungava.

— Falei. — Maceda mentia. Tinha um medo excomungado da mulher.

— E então?

Ele disse que ia pensar — Maceda mentia, para se evadir da mulher. Era difícil Eufrásio voltar atrás, pois sua decisão vinha desde o segurar na rédea do animal brabo até às palavras e ações.

Maceda, apesar de a mulher mantê-lo pelo barbicacho, aproveitava-se de ser bem aparecido e, nas festas, era danado pra namorar filha dos outros, escondido da mulher. De vez em quando, estava oferecendo uma galinha gorda ou meia dúzia de queijo para fulano ou sicrano, em troca do silêncio. E assim, a intolerante nunca desconfiara da tramóia.

Enquanto Eufrásio dividia a vida entre o puxar da enxada e o pular das brabezas, Maceda campeava a filha de Tió, da Vereda Alegre, onde se encontrava juntando gado. Moça bonita, corpo fornido, peitos rijos e salientes furando com os bicos finos a chita rala em cima da pele, Chiquita, sem querer, mexia com o sangue de Maceda, que vivia dançando as vistas nas formas da moça. E naqueles cinco dias que passou juntando gado na Vereda Alegre, arranchado na casa de Tió, pouco dormiu, pensando na moça, que, brejeira e inocente, dava conversa ao vaqueiro, aumentando mais ainda a ansiedade de Maceda.

Um dia, vai Tió de dormida ao comércio, ficando em casa Chiquita e a mãe, esta muito atarefada torrando coco pra fazer gordura. E Maceda, aproveitando a ida da moça à cacimba, foi cercá-la na enseada do córrego seco. Quando ela chegou à enseada, ele já estava lá, desapeado e com o animal amarrado a um pé de sambaíba. Ela, alma de criança, abriu-lhe um sorriso que acabou de desmoronar o resto de freio que teimava em conter os instintos do vaqueiro. E, acostumado às conquistas em qualquer bate-chinelo, não foi difícil desviar Chiquita da estrada, com uma conversa cheia de sonhos e

de promessas; ela, que no correr dos seus dezoito anos nunca ouvira um galanteio, foi ao céu e voltou, com as palavras do Maceda.

— Ocê conversa um bando de lindreza.

E entraram num trieiro, sumindo no mato.

Depois de ver que não podia mais desmanchar o que fizera, Maceda, se apertou. Honra de moça é como palito de fósforo: queima-se uma só vez, e para sempre. Tió era nervoso e tinha sangue na guelra. Podia até matá-lo numa tocaia ou mesmo na frente de todos, pois tinha natureza até para mais. O diabo é que uma coisa dessa não apresenta desculpa. Um braço quebrado ou até uma facada podem ser disfarçados num acidente ou coisa parecida, ainda que haja testemunha. Mas para o que Maceda fizera, escondido e sem testemunhas, não havia escapatória. Se fosse solteiro, menos mal; se não tivesse coragem de enfrentar a cara de Tió, poderia fugir com Chiquita e depois voltar casado, a coisa tinha outros piores; casar, não podia, largar a mulher, também não, pois além daquele temor que guardava daquela enfarenta, quem iria cuidar dos brugue-los? correr? pra onde? e a peixeira do Tió, que — dizia o povo debaixo de sete capas — tinha feito o funeral de Bispo, da Lavandeira? Pois é, Macedônio começou a esquentar a cabeça e dali mesmo da enseada voltou, arrebanhou o gadinho pelas metades e açoitou para Boa Esperança, deixando o resto do gado por juntar.

— Já vai, Maceda? — era a mulher de Tió.

— Já, “Sá” Dona.

— E o resto do gado que Tió entrega amanhã?

— Amanhã eu volto. O patrão tem trato de entregar este hoje aos boiadeiros.

E saiu tocando o gado estrada afora. Na primeira curva, topou com Chiquita, que voltava da fonte:

— Já vai?

— Já. Té logo! — Maceda procurava esconder o aperto.

— E eu? — A moça fecha a cara.

— Que é que tem?

— Vai me deixar aqui?

— E o que é que tem? — Maceda parecia não entender.

— E sua promessa?

Maceda se esquecia de que prometera fugir com a moça, de largar mulher e filhos para dedicar a vida a ela.

— Que promessa?

— Fugir. Não lembra mais?

Aí é que Maceda se lembrou. Coçou a cabeça e gelou o corpo. Pediu tempo pra pensar. A moça botou o pé na parede e pedia pressa. Ele tentava dissuadir, olhando para os lados, sujeito a ser encontrado discutindo com a moça, pois decerto iriam perguntar e ela iria dizer mesmo. Que não, que tinha de ser aquele dia, pois no outro cedo o pai voltava e ela ia contar tudo, se ele não cumprisse a promessa. Desesperado, o vaqueiro, para se livrar da situação do momento, prometeu voltar aquela noite para apanhá-la debaixo do pé de juá da enseada. E imaginou que a moça não iria ter coragem de enfrentar o pai, com aquela cara amarga que nem jarrinha e zangada que nem vaca parida de novo, para contar uma coisa que poderia até custar-lhe uma surra com cipó de veludo. Isto, se não lhe custasse a morte, que Tió era capaz de tudo.

A moça, ante a promessa, seguiu faceira, enquanto Maceda galopava para alcançar o gado, umas três ou quatro tarefas adiante.

Chegou a Boa Esperança ainda cedo. De cara amarrada. Eufrásio arreava o alazão de Zé de Vitória no curral, e estranhou a cara fechada do irmão, quando este encurralava o gado.

— Esguaritou algum, Maceda?

— Não. O resto vou buscar depois. Só trouxe este mesmo.

— Tou falando é porque você está com uma cara...

— Nada não. Cabeça doendo, só.

Eufrásio preocupava-se muito com o irmão, a quem considerava pai, que o criara desde que haviam perdido os

pais, de maleita, e dava sua vida para vê-lo alegre e sem problemas. Mas Macedônio, com um problema que não tinha solução e cuja divulgação, por mais reservada, iria complicar mais ainda, não queria colocar o irmão a par.

Veio a noite. Maceda não foi. E nem era doido. A moça mornou na enseada até o pender da lua. Maceda, tombando na cama de varas. Eufrásio, roncando.

O dia amanhece. — Com a cara de ontem, Maceda rumina a angústia e a incerteza. Será que Chiquita ia ter coragem de contar ao pai? Capaz de não.

Quase meio dia, chega um pretinho, montado num jegue, com um positivo de Tió. Quer ver Macedônio imediatamente na Vereda Alegre, ou então Tió vem cá. A mulher estranha:

— Pra que é, Lioba?

— É...

— É pra trazer o resto do gado que ele tava campeando ontem, — atalhou Maceda, e virando-se para o menino — pode ir e diz que vou já.

O pretinho manobrou o bogue e pinicou de volta.

Foi ao curral, trouxe o cavalo, dando graças a Deus porque a mulher não encompridara a conversa, e pediu a Eufrásio:

— Vamos também, que o gado é mais e pode dar trabalho.

Eufrásio, que comprava caro uma oportunidade de ajudar ao irmão, num instante selou um animal também e saíram juntos. Mas na estrada Eufrásio notava que a cara do irmão não era de quem ia buscar gado. Ainda mais a cinco contos por cabeça, ótimo preço por sinal, naquele lugar de dinheiro raro. E após tentar debalde decifrar aquela apreensão, parou o animal e disse:

— Ôi, Maceda, cê quer me enganar, mas não engana não, pois te conheço muito. Se ocê tem confiança e eu posso te ajudar, conta o que é que tá te aporrinhando!

— Quá! Ninguém pode me ajudar, não!

— Uai, e por que é?

Aí, Maceda teve de contar tudo. E disse estar receoso da reação de Tió. Isto sem falar na sua mulher, quando soubesse. Eufrásio, então, mandou que Maceda ficasse escondido perto da Vereda Alegre, enquanto ele, que tinha mais jeito e não estava nervoso, ia se entender com Tió. Maceda concordou. Que remédio!...

Eufrásio apertou o animal nas esporas e daí a pouco riscava no terreiro de Tió, que estava esperando com uma cara amarrada e um revólver na cintura.

— Bom dia, “seu” Tió.

— Cadê seu irmão? — Tió veio valente — Quero falar é com ele!

— Ele...

— ... ele tá pensando que honra de filha minha é pra jogar no mato?

— “Seu” Tió, vamos resolver do melhor jeito.

— Ofraso, tenho você na conta de gente muito direita, mas o seu irmão é um capadócio, tá ouvino?

E parlamentaram muito tempo, sem chegar a uma solução. Macedônio, escondido no vaquejador, estava angustiado. Nem queria pensar se o irmão fracassasse nas negociações. E o sigilo que estava ameaçado pela raiva de Tió e pela cegueira da filha em se casar de qualquer jeito? Estava sujeito a botar o caso no mato.

— “Seu” Tió — Eufrásio propunha — às vezes a gente pagando o senhor...

— Que mané-pagando, que nada! Ele tem é de casar, pra aprender a não dar mais consumo em honra de filha dos outros?

— Mas ele é casado — ponderava Eufrásio.

— Então pra que foi que fez o que fez?

— Mas isto acontece, “seu” Tió.

— Mas vai acontecer justamente na minha casa? Sou lá palmatória do mundo?

— E qual é a solução, “seu” Tió.

— Casar, — Tió voltava à eterna cantilena.

— Mas ele...

— ... casar, ou então...

— então... — Eufrásio vislumbrou uma solução.

— ... cadeia, e ainda vai pagar. E se ele resolver agora, o caso vai ficar entre eu, você, ele e Chiquita, pois nem a mãe dela sabe...

— É, tá difícil, mas vou falar com ele...

— ... e se ele arresistir, eu ainda espalho neste sertão todinho a fama dele, pra moça nenhuma desprevenir.

— Tá bom, “seu” Tió. Ele vai ter que resolver. Ele é só amancebado e não se casou no padre nem no juiz. Chiquita quer é casar, né?

— É! É o jeito. O que não pode é ela virar guenga assim por causa de gente à toa.

— Se o caso dela é casar...

— ... é só casar — Tió confirmava.

— Então ela pode preparar, pois ela vai casar. Isto eu garanto.

— Assim tá direito! — sorriu Tió, por ver que a honra de sua filha não iria parar na boca do povo.

E Chiquita, jogada naquele sertão onde ninguém se casa, amasiando-se com qualquer um, brilhou os olhos radiante. Ia casar-se no comércio, como gente rica, de véu e grinalda e tudo. Eufrásio garantia.

— Amanhã a gente passa aqui pra ir no comércio comprar o vestido de noiva e acertar com o doutor juiz a data.

E saiu, deixando dois sorrisos largos na cara de pai e filha.

Uma semana depois, uma caravana esquipou da Vereda Alegre, levando Tió com a comitiva para o casamento de Chiquita. À noite, festança até de madrugada. A honra da filha estava salva mesmo. A cara de Tió era de um sorriso só. E a de Chiquita, também, pois não era qualquer moça que tinha como marido o melhor vaqueiro e o maior amansador de animal do sertão.